



HISTÓRIAS EM RETALHOS



ALANA  GABRIELA



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



HISTÓRIAS EM
RETALHOS

ALANA GABRIELA

Copyright © 2016, Alana Gabriela

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do autor.

HISTÓRIAS EM RETALHOS

SUMÁRIO

ROSAS DE CABECEIRA

OS FILHOS DO MEU PAI

QUERIDO LOUIS – CARTAS

O INVERNO DE AURORA

A MENINA DA BIBLIOTECA

A MORTE NÃO FAZ EXIGÊNCIAS!

MANGA LONGA OU MANGA CURTA?

VERSOS E ANTÍTESES

O CICLO

ACRÓSTICO

PLAYLIST

NOTA DA AUTORA

SOBRE A AUTORA

Para Christian e Érica!

“A vida é maravilhosa se não se tem medo dela.” Charles Chaplin disse, e Lia retrucou: Então sou uma tremenda covarde!

ROSAS DE CABECEIRA



VERÃO DE 2004

Todas as noites desde que o diagnóstico de Laurie fora revelado, Cindy entrava no quarto da filha para ler histórias que a menina sabia de cor e que não se importava ouvir repetidas vezes. O ritual sempre era o mesmo. Cindy batia na porta, colocava uma rosa branca ou vermelha na cabeceira da cama da filha, sentava na cadeira de frente e lia um capítulo de *O Sol é Para Todos*, em seguida dava um beijo de boa noite e ia embora. Laurie sorria, feliz e dizia: *te amo, mamãe*.

Sempre assim. Naquela noite não houve nada de tão diferente, mas algo aconteceu.

_ “Seguimos o seu dedo e, de súbito, sentimos um baque nos nossos corações...”.

_ Mamãe, - Laurie interrompeu a mãe depois de uma tosse seca – quero ir à praia amanhã. Para ver o mar que há muito não vejo. Depois quero andar de bicicleta. Tudo bem?

_ É claro, minha filha. – Cindy arrumou o cabelo fino e pouco da filha atrás da orelha e esboçou um sorriso triste. Laurie estava cada vez mais magra e fraca e Cindy não sabia se deveria encorajar a menina a sair. – Boa noite, querida.

Cindy deu um beijo na testa quente da menina e ao chegar à porta Laurie disse:

_ Te amo, mamãe. – ela apertou os olhos e voltou sua atenção para a porta onde sua mãe estava. – Também sei que você me ama. Vejo nos seus olhos. Sei que também não tem costume de dizer *isso* por causa de sua mãe... mas eu sei que você me ama!

Cindy tornou o olhar em outra direção, assentiu, sutil e envergonhada com aquelas palavras, e segurou as lágrimas enquanto fechava a porta do quarto. Ela viu um sorriso fino antes de fechar a porta e a escuridão da noite inundar todos os cômodos da casa.

No dia seguinte Laurie foi à praia com seus pais como pedira. Ela ficou sentada a beira mar, os olhos fitos nas ondas que se quebravam logo adiante, os braços cobertos por um casaco fino. Ela estava abraçada aos seus pais; era o que mais gostava de sentir. Conforto. O vento, o barulho das ondas, a visão do horizonte, nada se comparava ao aconchego que aqueles braços de amor, desvelo e afagos proporcionavam, principalmente nos últimos dias de dor e angústia.

Laurie sentia-se segura, calma e tranquila naquela manhã. Todo dia precisava enfrentar injeções e muitos remédios em horários já propostos, o único momento calmo do seu dia era a noite.

_ Queria voar como os pássaros e poder correr sem sentir dor e perder o fôlego.

_ Oh, querida!

_ Papai, você faz um monte de máquinas. Eu já vi. Lembra-se do alimentador de peixe? – ela sorriu com a lembrança. – Você ganhou muito dinheiro, não foi? – ela arqueou as sobrancelhas de um modo sugestivo e esboçou um sorriso travesso. – Pode até fazer um avião para a gente, não pode?

_ Um dia tentarei fazer um pra você, minha filha.

_ Precisa ser logo, papai. – ela disse, os olhos extasiados com o céu azul, os lábios sorrindo com as pipas cortando as nuvens. – Não tenho muito tempo. Esqueceu? Precisa se apressar. – ela alertou e bateu as mãos nas coxas para mostrar o quão rápido ele devia ser para atender ao seu pedido.

Cindy baixou os olhos ao comentário da filha, entristecida por esta ser a realidade dura da menina. No hospital as pessoas comentavam. Alguns colegas dela da oncologia diziam que ela iria morrer logo e de alguma forma isso não assustava Laurie como antes.

Cindy ficava bastante preocupada, pois certa vez encontrara a menina conversando com Wilbur na sala de brinquedos e a filha o acalmava com palavras cruas.

_ Não chore mais, Wilbur. – Laurie segurava as mãos do menino e apertava os dedos, tentando ao máximo reconforta-lo. – Não há porque se preocupar com isso.

_ Laurie... eu não gosto das injeções e já estou careca. Não quero morrer.

_ Ei, não se preocupe. Você é bonito careca. – ela sorriu e passou a mãozinha fina na cabeça dele, depois se inclinou e beijou a careca com carinho. – E a gente vai morrer mesmo. Não tem porque ter medo agora.

_ Não fale isso, Laurie! – ele pediu, a voz um tanto embargada, os olhos marejados e cheios de um denso medo.

_ Essa doença é só um contratempo. Não se preocupe com nada, cara! – ela sorriu, brincalhona; - A gente pode brincar enquanto isso, não quer?

Minutos se passaram e Cindy observou toda a cena com os olhos cheios de lágrimas e o rosto sujo de rímel através do vidro que os separava.

_ Gosto de você, Wilbur!

_ Gosto de você, Laurie. – ele sorriu ao passo que montava seu Lego. – Mas, por favor, Laurie, não fale mais em morte.

_ Não falarei, prometo!

E mesmo com todas as certezas da menina, Cindy tentava afastá-la dos comentários das outras crianças, um instinto protetor e de negação a invadia toda vez que a menina precisava ir para o hospital.

Ali na praia, Ted, o pai de Laurie, a puxou para um abraço e a beijou no topo da cabeça, triste.

_ Está um lindo dia! – Laurie exclamou, feliz.

As rosas eram a forma de Cindy de dizer o quanto amava a filha, de mostrar que toda vez que colhia uma estava pensando nela. As rosas brancas e vermelhas acumulavam na cabeceira da cama da menina e no fim da semana Cindy catava todas, jogava no lixo para que no início da semana tudo iniciasse de novo.

O ciclo.

Cindy não tinha costume de dizer o quanto amava seu marido e sua única filha. Sua mãe era ríspida e nunca dizia, às vezes ela nem demonstrava. Cindy também herdou esse silêncio, ela não dizia apesar de se esforçar para mostrar.

Naquela noite serena Cindy entrou no quarto, Laurie estava deitada de lado como sempre para facilitar a respiração – de costas para a porta; colocou uma rosa na cabeceira da cama e sentou na cadeira ao lado e iniciou a leitura do capítulo.

_ Leia dois capítulos hoje, mamãe, por favor!

_ Sim, querida.

Cindy leu os capítulos com seu tom suave de sempre, e representativo em partes necessárias, ficou imaginando como sua voz soaria se enfim dissesse para a menina o quanto a amava. Ela lembrou que quando era criança queria ouvir sua mãe dizer. E mesmo com todos os seus atos bondosos, de carinho e o amor intenso, ela tinha dificuldade para expressar seus sentimentos.

Naquele instante Cindy tomou a decisão de que não queria ser igual a mãe. Queria dizer para sua filha para que ela tivesse a certeza absoluta. Cindy não achava que as rosas eram suficientes agora. Falar em voz alta complementaria os seus atos de amor.

Cindy fechou o livro de abrupto, cheia de pensamentos, a garganta coçando para dizer três palavrinhas. Ela não deu importância para o silêncio estranho e irregular da filha, abraçou-a com bastante intensidade, beijou-a com força e a acariciou o cabelo fino. As lágrimas rolaram de seu rosto, enquanto ela criava coragem. Cindy se afastou do corpo de sua filha para olhá-la e disse:

_ Eu te amo, filha!

Mas Laurie já estava morta. Antes mesmo de Cindy ter pronunciado as palavras. A menina nunca ouviu. Havia um sorriso fino e feliz em seus lábios contrastando com seu rosto pálido e doente, morto.

Ted entrou no quarto de supetão ao ouvir o choro alto da esposa que se balançava para frente e para trás na cama, desesperada e aterrorizada. Ele a abraçou por trás, o queixo pousando na cabeça dela ao passo que olhava o corpo mole de sua filha, as lágrimas lentas escorrendo pelo rosto e sujando seu cenho cansado.

_ Eu te amo, Laurie... – Cindy balbuciou diversas vezes entre as lágrimas, o choro alto, o seu mantra desesperado se perdia na garganta e a sufocava de dor e angústia.

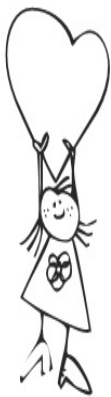
No sepultamento Cindy coletou todas as rosas daquela semana e colocou no caixão da filha como um sinal, um gesto, palavras silenciosas de amor, dor e perda. As rosas eram as suas palavras, mas Cindy não queria mais se privar delas. Ela contou toda a verdade na hora de compartilhar algo sobre Laurie. Na cerimônia.

Ela disse que jamais disse *eu te amo* para a menina. Ela contou com pesar e olhos inchados que teve tempo, todavia, no fim não conseguiu administrá-lo e já era tarde demais. Ela contou que para sempre carregaria os flagelos do arrependimento.

FIM!

OS FILHOS DO

MEU PAI



Queridos Ava e Tommy,

Hoje vocês só têm sete e cinco anos respectivamente, talvez não entendam muito o que de verdade aconteceu, e porque me preocupo, como também não quero que criem um mal juízo por tudo que aconteceu, estou escrevendo essa carta. Conheço as convenções midiáticas e o quão são devastadoras, maçantes e cruéis. Oh, elas são! Mas sei, acima de tudo, que ela é sensacionalista e ter uma história como a nossa estampada nos jornais é uma coisa grande.

Eles devem estar porejando mentiras ao meu respeito, dizendo que tenho problemas ou algo parecido, talvez papai abafe as coisas, mas sei como a mídia age então não tenho muita certeza. Torço com bastante fervor para que essa carta chegue a vocês, meus queridos irmãos. Desejo de verdade. Não só para esclarecer as coisas, mas também porque quero que vocês se lembrem de mim de outra forma. Não como andam me pintando nesses dias.

Tommy, querido, queria te pedir para continuar assim com esse seu jeitinho carinhoso, fofo, engraçado, com uma risada única e estridente que só você sabe fazer – lembra quando colocávamos Hipoglós nas suas assaduras e você se divertia com as cócegas? Gosto desse sorriso enorme cheio de dentões novos – dê pulinhos enormes porque os de leite já eram! – como os meus. Somos dentuços. Amo a única covinha na sua bochecha direita, a que é igualzinha a minha. Lembra que eu a beijava sempre que papai trazia vocês para casa?

Nós ensinávamos tantas coisas a você; sinais americanos, falar algumas frases em inglês e dançar no Just Dance e Zumba. Lembra que da última vez que vocês vieram você fez o sinal de eu te amo para mim em American Sign Language como Stella ensinou? Foi a primeira coisa que você fez quando eu abri a porta do carro, ansiosa para ver os meus irmãozinhos. Não nos víamos há quatro meses e mesmo assim você se lembrou.

Foi emocionante para mim esse gesto, Tommy.

Enquanto estou aqui sozinha só irei poder balbuciar para mim mesma o seu apelido: cabeção de moitinha. Porque você tem cabelo meio sarará como papai diz sempre. E talvez eu fique cantando as músicas que você cantava quando dançava. As canções que você inventava ou aquelas que eu mesma colocava como No Way No de Magic! e você ficava cantando a plenos pulmões, empolgado. Mas só farei isso se não reclamarem da minha voz desafinada, é claro.

Há muitas regras aqui, talvez você não entenda agora, mas mais tarde você verá onde estou... Longe. Longe de você, pequeno Tommy!

Ava, querida irmã malinha, eu não quero pedir nada a você, só peço que me perdoe. Talvez você esteja mais machucada do que os outros, mas eu tinha boas intenções, e você e Tommy ficavam dizendo tantas vezes que queriam ficar, não queriam ir embora. Ambos disseram isso todos os dias o que alimentava ainda mais a minha dor. Não estou te culpando, sinto-me mal porque foi finalmente agora que estávamos nos entendendo que *isso* aconteceu. Sinto muito por tudo. Lembra-se de todas as vezes que encrencamos? Você me chamava de recalcada e invejosa, me olhava de esguelha com seus olhos desconfiados e fazia um monte de careta.

No começo eu não entendia até que percebi algo. Todas as vezes que papai chamava a tropa toda para passear no shopping você ficava me observando colocar a maquiagem, e às vezes tentava me imitar, Ava. Eu delineava os olhos com preto, colocava uma saia de suspensório, um anke boot e alisava a franja. Eu ficava bonita e você não gostava. O seu olhar era atento e às vezes um pouquinho furioso. O seu cabelo é igual ao do Tommy. Meio sarará, você sabe! E acho que isso era um fator.

Quando chegávamos ao shopping você queria sempre ficar perto de mim porque me achava séria e bonita, mas você nunca admitia em voz alta. Toda vez que nos arrumávamos seu mantra era: EU SOU LINDA! SAI DAÍ RECALCADAS. Você achava as minhas irmãs mais novas gordas e inferiores na beleza por isso sempre queria ficar perto de mim nos passeios, apesar de nossa constante

discordância.

O problema era que eu sempre te repelia porque não é do meu feitio andar abraçada no shopping, muito menos quando você estava estranha, cheia de maquiagem, a boca vermelha e os olhos muito rosa e os cabelos meio bagunçados porque você se achava autossuficiente para fazer a maquiagem. Eu tinha vergonha de vocês. Não só por isso, mas pelo que meu pai fez. Teve filhos fora do casamento. Mas isso você já sabe. Eu te contei quando nos entendemos.

Tommy era o mais suscetível e mais carinhoso, Ava, sinto muito que demorou a nos entendermos, mas o problema foi que quando você nos foi apresentada você era bem dura, a mente fechada pelas palavras cruéis da sua mãe, você gostava de distratar as minhas outras irmãs, sempre queria o que eu tinha.

Lembro-me bem que você sempre queria entrar no quarto da minha mamãe para saber o que tinha lá e contar para sua mãe e ela assim exigir do meu pai as mesmas coisas. Ava, você começou a usar óculos porque eu uso óculos, a usar aparelho porque eu usava aparelho. Você queria sempre tudo o que eu tinha e fez mau juízo de mim logo de cara.

Não digo isso para você se sentir mal, eu também não gostava do Tommy, pelo simples fato de vocês existirem. Porque era um indicativo de que deveria dividir o meu pai mais, e, é claro, por me sentir traída já que eu era filha da mamãe.

Ava, você conhece a história. Papai é igual ao nosso avô. Vovô Velho tem vinte oito filhos espelhados por este país enorme. Ele traiu a esposa e viveu com outras mulheres. Papai fez o mesmo. A diferença foi que ele se arrependeu e deixou. Ele pediu perdão a minha mamãe.

Lembro com muitos detalhes quando mamãe dizia coisas que não faziam nexos para mim na época. Ela meio que insinuava que papai tinha feito coisa errada porque desconfiava de coisas que ele havia feito. Mas numa noite, quando todos nós estávamos juntos em casa papai nos chamou para a sala e confessou. Mamãe já sabia de tudo, mas não nos contara. Nem consigo imaginar o que ela

senti, o que passou pela cabeça quando papai confessou numa certa noite a ela.

Papai tinha costume de chegar tarde depois das peladas no *society* e numa certa noite ele confessou para mamãe e só depois de alguns dias painho nos contou também.

Lembro que chorei quando ele disse, lágrimas corriam soltas pelo meu rosto, eu senti uma vontade insana de me levantar da cadeira e sair correndo de casa. Eu quis fugir. Nos dias subsequentes eu ficava chorando a todo o momento. Os olhos ardiam muito e eu não conseguia parar porque me lembrava toda hora.

Às vezes quando me recordo, penso que eu não tinha tal direito, de chorar tanto, mamãe que deveria estar desolada. Mas ela é boa e sempre foi boa. Lembro que por vezes ela se deitou comigo na cama e me consolou. Era surreal a ideia de ser traída, você precisa entender.

Ava, mamãe foi tão passiva, ao contrário de mim. Eu tinha raiva de vocês antes mesmo de conhecê-los. Mamãe dizia que precisávamos conhecer meus irmãos mesmo que não quiséssemos. Eu sempre dizia que quando tivesse filhos não iria falar de vocês para eles. Eu dizia que nunca os mencionaria. Porque não os considerava meus irmãos mesmo que o mesmo sangue corresse em nossas veias.

Lembro-me daquela vez que fomos ao supermercado e papai levou Tommy para que o víssemos pela primeira vez. Ava, você estava com sua mãe num hospital e não pôde ir. Quando o vi pela primeira vez, pequenininho, se escorando nas pernas de painho, fiquei com ciúmes e muita raiva. Pensei que ele não tinha o direito, afinal, papai era o *meu* pai.

Escondi-me atrás de minha mãe e depois fiquei com raiva dela ao saber que ela que tinha organizado tudo, mandado papai te levar para o supermercado, pequeno Tommy. Para quebrar de vez a barreira e as coisas não ficarem complicadas. Acho que ela queria que nós perdoássemos como ela estava

aprendendo a perdoar o esposo.

Depois desse encontro começamos a nos ver com muita frequência.

O problema, Ava, era que você era mais dura, Tommy nos amou logo de cara e nós passamos a amá-lo também. Era dolorido para mamãe, mas ela sempre dizia: Eles não têm culpa de terem nascido. Não foram eles que escolheram. A culpa é do seu pai e daquela mulher. Mas por vezes eu dizia que a culpa era só de sua mãe. No entanto mamãe me repreendia e dizia que ninguém faz filho só.

Ava, você lembra que você gostava de provocar a minha mãe falando da sua, dizendo sobre as fotos que tinha do papai, contando que ele ia à sua casa quando você era pequena? Eu lembro e ficava bastante magoada, não sei nem o que pensar sobre o que mamãe sentia. Você repetidamente dizia: meu pai isso, meu pai aquilo. E isso me incomodava.

Lembra que uma vez eu te corriji por isso? Você não tinha o direito. Papai era e é nosso. Não era só seu. Eu aprendi isso da maneira mais dolorosa, você tinha que aprender também. Nós tínhamos o primeiro direito. Ele foi nosso primeiro e você queria toma-lo como já havia tomado algumas vezes antes às escondidas. Mas com o tempo você mudou a mente e passou a gostar de nós como gostávamos de vocês.

Certa vez, quando papai foi pegar vocês sua mãe não deixou que os víssemos e o motivo era óbvio. Ela queria que nossa família se desintegrasse. Ela queria que não gostássemos de vocês e que minha mãe deixasse meu pai. Mas não foi isso que aconteceu. E isso irritou a sua mãe como você bem sabe. Papai precisou entrar na justiça para garantir o direito de vê-los. Foi um período tenebroso por que estávamos com saudades de vocês. Há meses não nos víamos.

E nessa última vez que vocês vieram as situações foram tão legais e divertidas. Dançamos a beça, cantamos muito, lemos muito, vocês até fizeram um Skoob e você, Tommy, ficou viciado lendo as resenhas que as pessoas faziam. Você é muito bom na leitura. Adora aprender coisas novas, os sinais em ASL, e ler é um

de seus fortes.

Ava, apesar de tudo que aconteceu até aqui nós nos demos tão bem! Nós finalmente estávamos nos tornando amigas. Nós brincamos no parque de corrida; costuramos algumas peças de roupas para a sua Barbie; fizemos bolo com pasta americana e muito brigadeiro. Lembra-se daquele abraço apertado que você me deu? Foi tão lindo e emocionado. Vi o seu cenho triste e Tommy estava chorando também. Vocês sempre diziam que queriam ficar. Sentiam-se sós na casa de vocês e sempre sentiam saudade de nós quando estavam lá.

Não tive outra escolha. Decidi que deveria leva-los comigo para outro lugar e quando estivéssemos a salvo eu chamaria mamãe papai e minhas irmãs. Eu não tenho idade para dirigir, só tenho quinze anos, mas quando nós íamos (isso foi antes de vocês aparecerem nas nossas vidas e papai deixar sua mãe de vez) para o sítio eu aprendia porque meus tios me ensinavam. Então eu peguei o carro e nos levei para fora da cidade. Não sei bem o que estava pensando, mas eu queria que ficássemos unidos.

Chegamos a uma cabana no meio da estrada e ficamos instalados por um tempo. Não sei como tudo aconteceu, a rapidez dos eventos foi intensa e estarrecedora. Começou a pipocar nos noticiários que vocês e eu estávamos sumidos. Pouco tempo depois a polícia nos encontrou e eu fui levada para um interrogatório. Tommy, eu me lembro do seu rostinho entristecido ao me ver longe, acho que você não entende que eu queria vocês só para mim, mamãe, papai e minhas duas irmãs. Não queria que voltasse para sua mãe, eu queria que vocês ficassem conosco.

Ela estava atrapalhando nossa felicidade! Desculpem por dizer isso, mas foi o que pensei quando os levava comigo.

E acho que sua mãe sabia disso. Papai tentou contornar, mas terei que ficar presa por um tempo. A menoridade penal diminuiu e já tenho quase dezesseis anos. Só faltam alguns dias então eles acham que devo ficar no reformatório e depois seguir para a cadeia e pegar uma pena de pelo menos um ano já que é o meu

primeiro “crime”.

Sinto muito por tudo terminar dessa forma. As pessoas não param de comentar. Papai tentou de tantas formas anular isso. A minha ficha criminal, o registro de que *sequestrei* vocês, mas não temos muito dinheiro e agora eu devo aceitar isso de uma vez, tenho que receber a pena por meus atos irresponsáveis. Eu realmente queria que ficássemos unidos, mas parece que depois do que aconteceu as coisas ficaram um pouco difíceis...

Talvez eu nunca mais possa ficar perto de vocês, não sei, talvez sim se vocês me permitirem, depois, com o tempo, após passarem por esse trauma. Tenho uma ordem de restrição, o que é muito estranho já que estou presa. Sinto muito por tudo que aconteceu. Eu realmente amo vocês e foi por isso que os estava levando para longe onde todos nós pudéssemos morar juntos, vocês não teriam que voltar para sua mãe e viveriam para sempre conosco. Vocês queriam isso, lembram?

Talvez as coisas não passem de um mal entendido porque durante as audiências do julgamento os advogados disseram que você, Tommy, havia mandado uma mensagem para mim no Skoob e dito estas palavras: Lily, eu amo você! Mas quando estou com você, Stella e Melina, fico com saudade de casa e de minha mãe, mas quando estou em casa eu sinto saudades de vocês.

Nós tínhamos essa coisa de ficar tirando onda, ficávamos conversando pelo chat do Skoob e ficávamos rindo porque geralmente estávamos um ao lado do outro e achávamos isso engraçado. Eles disseram que foi premeditado e que eu deveria pegar sentença máxima, mas nós só ficamos fora por quase um dia e meio. Eu tinha levado suprimentos e isso alavancou ainda mais as suspeitas. Não entendo!

Tommy, lembra que você estava comendo as jujubas e rindo esporadicamente?

Espero que me perdoem por ter cometido esse crime. Não quero que o que aconteceu iniba o que de bom passamos juntos, as reconciliações e as brigas, não quero que esqueçam que amo vocês. Não duvidem por nenhum momento. Já

escrevi cartas para mamãe, minhas irmãs e papai. Eles estão tentando lidar com isso da melhor forma possível. Estou muito chateada por não ter pensado direito e ter colocado eles nessa posição desconfortável. Como se já não bastasse o que mamãe tem passado...

Espero com muito fervor que esta carta chegue as suas mãos, queridos irmãos. Como também espero que me perdoem, que continuem a me amar. Ava, por favor, não se esqueça que estávamos fazendo as pazes, você estava feliz, estávamos bem amigas... eu só queria ter vocês um pouco mais para nós. Não consigo sentir muito por isso. Esse foi o preço de amar demais vocês.

Com amor e carinho, Lily!

Querido Louis,

Acho que não sei bem porque estou fazendo isso. Desculpe por essa mentira já escrita, na verdade sei bem porque estou fazendo isso, essa carta. Nos últimos dias li um livro intrigante que me abriu os olhos. Uma frase me instigou: *Você não finalizou as suas paixões*. De alguma forma esta frase se incrustou em minha mente. Então os dias foram seguindo e a ideia dessa carta de encerramento veio numa madrugada. Eu estava bem depressiva nos últimos dias. Acontece às vezes como já contei a você. Num mês estou com raiva, no outro fico rindo a beça e em outro fico entristecida. Esse é o seu mês de sorte então porque toda a minha melancolia está sendo endereçada a você agora.

Acho que esse rodeio lhe parece bastante confuso, não sei, então vou direto ao ponto. Eu me apaixonei por você. Acho que você sabe disso, ou fingia que não sabia ou por causa de nossa distância de vários anos você achou que eu não gostava mais de você *daquela forma*. Mas depois de seis anos nada ainda mudou. Lembro quando meu primo bocudo disse que te contaria – ele era um romântico incorrigível que queria juntar as pessoas – e assim o fez. Na maior cara dura. Lembro que me afastei, aterrorizada, minhas mãos suaram e eu olhei para todas as direções, preocupada, mas quando vi que você me encarava, fito, à medida que ele te sussurrava no ouvido eu pude ver algo que não compreendo até hoje. Não sei o que você sentiu e nunca irei saber. Você tem uma namorada agora.

Talvez seja por isso que estou escrevendo essa carta, porque depois de tantos anos, nós mantivemos contato mesmo você estando longe, nós conversávamos de madrugada, futilidades e ríamos. Mas eu nunca contei. Nunca disse que gostava de você, de verdade. Eu ria comigo mesma quando via o seu número aparecer no visor do meu celular ou quando você fazia piadas sem graça. *Esse era o seu forte*. Mas depois de um tempo nossas conversas foram se tornando monólogos e eu parei de puxar assunto porque você estava aí e eu estava aqui, não sabia de verdade se realmente você queria falar comigo. As coisas ficaram diferentes de repente e eu não sabia o que pensar. Lembro que mandei uma indireta para você e minutos depois você me enviou uma mensagem desesperada me pedindo

perdão pela ausência. Louis, você me explicou os motivos e eu resolvi deixar as fantasias correrem soltas por minha mente e meu coração. Cada vez mais doía amar você.

Em certos dias eu ficava quieta, olhando para o céu nublado, imaginando quando o veria de novo, qual seria a minha reação ou a sua. Certa vez, quando estávamos conversando por mensagem eu quase disse que era apaixonada por você, mas fiquei com medo. Nessa época eu cri que nossa amizade estava mais forte e que você havia esquecido o que meu primo te contara porque você sempre foi um cara de memória fraca. Acho que deveria parar de comer queijo. Desde os onze anos de idade que sinto isso. Lembro que a primeira vez que te vi não consegui parar de pensar nos seus olhos azuis e quão penetrantes eles eram. Algumas vezes me sentia exposta quando você me olhava, preciso admitir. Agora tenho dezessete anos e sinto vergonha, sinto uma humilhação sem precedentes por essa paixão. Pois agora você tem namorada.

Eu nunca me permiti dizer em voz alta e nem escrever, mas agora eu quero, porque quero tirar esse peso horrível de mim. Porque se eu falar em voz alta, talvez acabe para sempre o que ainda temos ou o que você pensa que temos: uma amizade bonita. Não enxerga que já estamos deteriorados, Louis? E é isso que eu quero. Dar um fim e estragar tudo de uma vez. Talvez não estrague de verdade porque você é irritantemente compreensível...

Sabe quantas músicas já escrevi por causa do que sinto? Mais do que intento admitir. Há algo que me incomoda bastante e que acho que devo pontuar. Quando sua irmã começou a namorar eu sabia que você também o faria. Nós conversamos pelo telefone por duas horas e eu te perguntei se você estava namorando. Você negou. E dois meses depois eu soube por meio de outra pessoa que você estava namorando *ela*. Não que você me devesse algo, mas eu gostaria de ter sabido antes porque quando nos falamos por telefone você já estava namorando-a. E quando te perguntei naquela mensagem você disse que sim e que me ligaria mais tarde para explicar tudo. Mas você nunca ligou e por um motivo estranho fiquei agradecida por isso porque não queria ouvir sua voz e o quão estava feliz. Mas fiquei magoada por ter mentido para mim e por não ter

ligado como prometera.

Você não tem ideia do quanto chorei naquela madrugada, Louis. As fotos de vocês dois juntos eu via, eram sucessivas facadas no meu coração através de minhas costas.

Então, essa semana eu pensei em você e por isso estou escrevendo essa carta. Tudo que eu queria era que você soubesse e agora você sabe. Estou escrevendo para dar um fim nisso tudo porque eu sempre evitei falar e por que já estou magoada o suficiente, não quero ter que coletar os cacos do meu coração de novo. Mas estive pensando que todo mundo vai morrer nessa vida e me questioneei: e o que é que tem confessar agora?! Sério, é egoísta da minha parte ou talvez não, mas eu não queria chegar à idade adulta com arrependimentos e lembrar que jamais contei algo para alguém sobre isso. Morrer com um fardo desses é horrível. Esta é a minha liberdade de você, Louis.

Pode não fazer muito sentido para você, mas para mim é um pequeno alívio nessa montanha de tortura e dor que se chama vida. Estou escrevendo porque acho que jamais teria coragem de falar. Não quero te atrapalhar com seu namoro nem nada, ou talvez bem lá no fundo eu queira que você se sinta mal por ter negligenciado essa verdade em mim, ou pelo menos se sinta mal, mas eu precisava dizer de qualquer maneira. Livrar-me disso e seguir em frente. Por ainda ser apaixonada por você que devo desiludir minha mente agora. Viver sem arrependimentos, sabe!?

Enquanto escrevo estou entorpecida, chorando e crendo que é o certo. Não sei. Talvez eu me arrependa depois... Adeus, Louis!

Eu amei você...

Mia.

Mia,

O que tenho para falar não é muita coisa, porém vou começar pela parte do meu namoro. Declarei-me pra Ana no ano passado e ela se declarou para mim, mas os pais dela não aprovavam e então quando você me perguntou sobre eu estar namorando eu disse que não.

No entanto eu sabia que era um namoro porque nos beijávamos sem que os pais dela soubessem, só que ninguém podia saber disso. Era o nosso segredo.

Com o passar do tempo nós decidimos colocar as cartas na mesa, falar para os pais dela que a gente ia namorar sim... Mia, eu estou numa fase muito boa na minha vida. Por favor, não julgue as minhas intenções com Ana só porque deixei alguns preceitos de lado ou as coisas que costumava fazer antes. As pessoas mudam e eu mudei.

É um amor que sempre estive no meu coração e eu realmente amo a Ana e vou me casar com ela um dia.

Agora voltando ao seu lado, Mia! PORQUE VOCÊ NÃO ME DISSE ISSO NO COMEÇO? Que você ainda gostava de mim! Para mim o que tínhamos era uma amizade. Nada além disso. Você não precisa se desculpar por nada. O erro foi meu em ter deixado isso tudo acontecer e ter feito você sofrer assim.

Eu não duvido que você tenha escrito as músicas. Você escrevia uma quase todo dia e sempre me contava.

Mia, você podia ter falado isso mais cedo, sobre o que sentia, mas obrigado por ter falado agora. E eu gostava de conversar com você sim por mais que eu falasse poucos às vezes. Eu sinto muitíssimo pela minha ausência. Eu gostava de saber de suas histórias, ler as músicas que você me mandava pelo chat.

Fique em paz quanto a carta, Mia! Você fez o certo me falando isso. Perdoe-me

mais uma vez e também porque demorei a contar que era um namoro... é que é tudo tão recente.

Mia eu te considero muito, como uma amiga e espero não perder essa amizade porque eu realmente me importo com você.

Beijinhos, Louis!

Louis,

Já que estamos sendo honestos vou confessar algo. Eu escrevi a carta e não esperava que você fosse responder, na verdade eu não queria que você respondesse. Desejei com bastante fervor que ficasse com raiva de mim por tê-la escrito e te enviado. Sinto que devo dizer agora isso. Deixar tudo as claras de uma vez é o melhor remédio, mesmo que seja tarde. Mas você é sempre muito compreensível e bonzinho. Que DROGA, Louis!

Eu escrevi porque era um encerramento para mim do que eu sentia. Estou bem instável quanto a tudo. Não quis responder antes porque não conseguiria fazê-lo direito e acabaria falando merda. Agora não sei mais se quero estragar as coisas entre nós. Andei pensando bastante...

Mas estou escrevendo hoje porque minha mente já está mais regular que antes. Reflexiva. Quero que saiba que todas as vezes que nós conversávamos no chat eu não estava fingindo ou com somente segundas intenções. Eu realmente gostava de você e de ser sua amiga. Aquelas músicas que escrevia eram por sua causa, mas você não percebia eu acho... deixe isso para lá agora. É assunto morto!

E não se preocupe com nada. Eu tenho os meus dias como disse na outra carta e em outras nossas conversas pelo chat. Esse mês eu estou bem melancólica e sentimental. Há dias que não me importo em você estar namorando a Ana, mas há dias que eu choro e fico me remoendo por isso. A culpa não é sua. Eu me apaixonei pela pessoa errada. A mente é a própria armadilha do homem.

Sagaz e audaciosa.

Eu só preciso me adaptar melhor, sabe?! É embaraçoso e humilhante para mim. Às vezes penso que é patético. Preciso pensar direito e aceitar os fatos...

Mia.

Silêncio.

Dias sem resposta.

WHATSAPP

18:30

Louis: Por favor, vendo essa mensagem aqui me chama. Tô precisando conversar com você!

18:43

Mia: Helloo. O que houve? Eu estava no retiro então fiquei off esses dias.

Louis: Oiee! Não aconteceu nada. Queria saber como você está. Se você está bem com você mesma!

Mia: Porque eu não estaria bem comigo mesma?

Louis: Só perguntei para saber. Queria ter certeza se você estava bem depois das cartas.

Mia: É, estou em processo de superação, mas estou mais preocupada com outras coisas que aconteceram nos últimos dias. Obrigada por perguntar. Muito legal de sua parte...

Louis: Fiquei com medo de perder sua amizade.

Mia: Você não vai perder minha amizade.

Louis: Que ótimo! Então, Mia, como foi o retiro...?

Mia: Porque eu sumi e não falei nada por alguns dias você presumiu que eu não queria mais falar com você, não foi?

Louis: Eu pensei sim. Achei que não queria mais conversar comigo!! Então... conte-me sobre os livros que tem escrito! As novidades e tudo...

...

E eles continuaram sendo amigos! Ou melhor, continuaram a se falar... Mais ou menos.

O INVERNO DE

AURORA



Ali, do seu canto, ela assistiu Sandy atender o último cliente da loja. Estava apoiada no pedestal dos cabides de roupas, verificando formulários, displicentemente, enquanto as outras funcionárias se apressavam para fechar as portas laterais da loja. O silêncio do shopping naquele dia era reconfortante e ao mesmo tempo um tanto solitário.

Desde a morte de seus pais ela se agarrara ao prazer do silêncio misturado ao som leve e bonito das folhas das árvores balançando, o cantarolar cadente do vento, as gotas de chuva caindo no teto e o fragor intenso de uma cidade silenciosa a noite.

Agora ela costumava deitar-se na cama em dias de domingo, olhar para o céu nublado e contemplá-lo. Quieta. No sublime silêncio.

_ *Chefa*, amanhã chegarei um pouco atrasada. Preciso fazer um exame médico.

_ Certifique-se de trazer um atestado. – Aurora avisou no seu tom melancólico dos últimos dias, indiferente e um tanto distante; presa numa dimensão onde não havia nada em sua mente.

_ Sabe, vai rolar uma festa nesse fim de semana. Deveria vir com a gente. Eu, Ian e Layla vamos cair na pista.

_ Hum. – foi tudo que ela conseguiu dizer antes de baixar a cabeça e enfiar as mãos no bolso, desconcertada. Não era a primeira vez que o trio de funcionários a convidava para sair, festejar e forçar a mente a ficar longe de pensamentos. O x da questão era que Aurora realmente não estava pensando em muita coisa. Ela simplesmente espirecia com nada na cabeça. Ela se contentava em ficar parada, contemplado coisas simples da natureza que há muito deixara de notar.

A rotina de Aurora era cheia; um dia, montando tabelas e fazendo inúmeras contas no Excel, ela deixou-se distrair sem querer, cansada e atordoada demais para continuar com os olhos pregados no trabalho que fazia, e olhou para o céu naquela noite. Algo que não fazia há um bom tempo.

Ela viu as estrelas que há muito não observava. O costume de observar as coisas era um hábito de criança, mas com os afazeres da rotina adulta deixara de lado, e aos poucos tudo se tornou um tanto efêmero, brusco, rápido. Da mesma forma que descartar um celular. Não havia tempo suficiente para prestar atenção nas coisas da vida por muito tempo. O tempo não permitia. A vida fluía e se escorria de uma maneira rápida demais.

_ Ok, então, chefe! Quando estiver a fim é só dar um toque! – Sandy avisou com um sorriso fino e desconcertado. Ela realmente estava preocupada com sua superior.

Aurora era gerente da loja, por isso ficava um pouco mais para fechar os escritórios e organizar a papelada que entregaria ao seu superior. Ela esperou todos os funcionários se dispersarem para enfim tomar o rumo de casa. As lojas de marca fechadas, os longos e silenciosos corredores do shopping e o estacionamento ficaram para trás quando por fim entrou no carro.

Quieto. Confortável. Silencioso. Solitário.

Estava do jeito que gostava de estar. Ela olhou para suas mãos enluvadas, o céu chuvoso à frente e se lembrou do acidente que matou seus pais. Há um ano.

Desde o fatídico dia ela passou a ficar mais calada e contemplativa.

As pessoas com quem socializava acreditavam que a solidão dela era algo perigoso para a mente. Eram acostumados a ver Aurora frenética,

empilhando tabelas, irritada e às vezes animadinha. Com a mudança brusca temiam que ela se suicidasse. E esses comentários inoportunos e não requisitados sobre o humor deixavam Aurora irritada.

Enquanto dirigia de volta para casa ela lembrou-se de quando era criança e seu pai a convenceu de acampar no quintal.

A garota queria ir com suas amigas para uma viagem nas montanhas, mas o pai não queria que ela passasse todos os dias de férias fora. Ele gostava de ficar perto da filha, e com todas as programações da escola, além das aulas regulares e o esporte, sobrava muito pouco tempo para conversarem, brincar e fazer o que faziam desde sempre. Um hábito que ela adquirira e amava. Deitar-se na grama e olhar o céu.

Naquela noite Aurora fez uma fogueira com seus pais, torraram salsicha na brasa (não tinha marshmallow e o improviso era o forte dos pais da menina) e contaram histórias cantadas no violão.

Dormiram nos sacos e de madrugada o pai da menina acordou para que olhasse o céu.

Com o tempo essas coisas simples que faziam e amavam foram se perdendo e aos poucos ela foi esquecendo-se de parar, prestar atenção nos detalhes e olhar o que acontecia ao redor. Will, o pai de Aurora, sempre dizia: Observe, filha, preste bem atenção nas coisas simples e pequenas. É a grande diferença!

Aurora sentiu lágrimas no rosto com a lembrança doce e mesmo com a visão turva, dirigiu para o cemitério onde os pais estavam enterrados.

As gravações do epitáfio não eram suficientes para dizer quão bons eram seus pais, mas foi tudo o que conseguiu dizer naquela época. As palavras foram poucas e simples. Não tinha a profundidade que ela desejava, mas ali estavam incrustadas as palavras que ela pensava sobre seus pais quando

era criança.

William Malta Pinheiro

• 24 de Outubro de 1964

† 12 de Maio de 2014

Pai, amigo, esposo. O melhor observador do mundo!

Nira Antino Pinheiro

• 2 de Julho de 1965

† 12 de Maio de 2014

Mãe, amiga, esposa. Aquela que improvisava e sorria com facilidade!

_ Oi, papai e mamãe... não acredito que estou aqui parada... Observando. Só queria dizer que agora eu presto mais atenção. Estou atenta, um pouco só, não é o ideal, sei bem, não porque eu queira me matar, mas estou fazendo isso porque às vezes é preciso e saudável compartilhar todas as belezas que encontramos por aí. – ela suspirou, ajoelhou-se e tocou nas inscrições na pedra. – E sinto muitíssimo ter acordado um pouco tarde demais. – lágrimas quentes escorrerem pelo rosto, o contraste frio das gotas de chuva que se misturavam ao lago que se formava sob seus olhos fundos. – Acho que esse inverno serviu para eu perceber o que estava deixando passar... talvez eu deva sorrir mais... antes eu me debulhava em lágrimas, e ficava com raiva de tudo e de todos, fiz malabarismos para encontrar o desgraçado bêbado que os tirou de mim. A justiça foi feita, pelo menos, porém, com o tempo comecei a ficar quieta e dar mais atenção as coisas como o senhor me ensinou, papai. Sinto falta de vocês, das vezes que cantávamos histórias e eu desafinava em algumas partes, quando nós corríamos no sítio do vovô e da vovó. Eu só queria poder ser perdoada pela distração que fiquei acometida ao longo dos anos. Tantas vezes vocês me avisaram e... agora estou aqui, numa catarse singela, buscando fatos para me reconciliar comigo mesma e seguir em frente.

A chuva se intensificou e Aurora se viu amarrota rapidamente. Após um tempo, hesitando, ela disse adeus e correu pelas ruas desertas, sob a chuva de inverno. E dessa vez ela fez questão de olhar os detalhes, como as gotas se dispersavam, como os pássaros ficavam parados nos troncos, esperando a chuva diminuir para içarem voo.

Prestou atenção no balançar das árvores, o modo como o vento cantava. Ela olhou os detalhes para honrar a memória daqueles que amava e também por ela mesma. Precisava mudar o rumo de sua vida se não ficaria sozinha para sempre, atarefada e não veria nada e nem ninguém. Ela não queria chegar à velhice e pensar no que deixou para trás.

E dessa vez, diferentemente de muitos outros dias, ela acordou radiante e revigorada para a aurora.

Naquela noite Aurora segurou a mãozinha pequena de seu filho Will, da mesma forma que seu pai fizera naquelas férias que não foi para as montanhas, apontou para o céu enquanto Ed, seu esposo, montava a fogueira no quintal de casa. Will estava com quatro anos, porém já mostrava certo interesse pelas histórias cantadas do avô e avó.

_ Está vendo aquela constelação, filho? Vovô me ensinou que se chamava Ursa Maior.

_ Bonita, né?

_ Ele também me deixou nomear uma estrela com meu nome. Pode nomear uma com o seu nome se quiser. – os olhos grandes do garoto brilharam de entusiasmo, e ela sorriu, apertando o queixo dele e o trazendo para perto para um abraço de urso, aconchegante e quentinho.

Após Ed terminar de fazer a fogueira, sentou ao lado deles e brincou com o filho de fazer sombras, logo em seguida eles estavam com o violão no colo, prontos para cantar histórias.

Quando a fogueira já estava crepitando, todos eles se deitaram na grama e contemplaram o céu do modo que já haviam se acostumado. Cada um dava a mão e apontava para a constelação ou os desenhos que conseguia identificar no céu.

_ Observe bem, filho, preste bem atenção nas coisas simples e pequenas. É a grande diferença!

_ Sim, mamãe! – ele respondeu, maravilhado e convicto de suas palavras. Will estava feliz, pois sua mãe lhe confiara algo. Um alerta. Uma missão para cumprir. Observar bem.

Naquela noite eles deram as mãos e sorriram para as coisas simples e se regozijaram pela certeza de ter a presença de um ao outro a cada dia.

A MENINA DA BIBLIOTECA



APENAS LEIA!



O pátio da escola era enorme, com vários brinquedos coloridos e alas de recreação diversas para as crianças se divertirem. O colégio era enorme e a direção se preocupava com isso, com os espaços e corredores para os alunos socializarem e circularem. Meus amigos e eu sempre nos reuníamos na parte mais distante dos brinquedos, porque nos achávamos legais e os maiores e queríamos parecer descolados ficando perto das salas das turmas mais avançadas em pleno recreio, porque a galera do nono ano e do ensino médio sempre ficava por aquelas áreas, jogando conversa fora, lanchando e fazendo nada demais. Mas por não fazerem nada e só ficarem de bobeira que eles pareciam os melhores. *Os legais!*

Entende o que quero dizer? É toda aquela questão de hierarquia que existe na escola. Turmas diminuindo outras. Isso tem também na própria sala de aula. Com os inteligentes diminuindo aqueles que têm um pouco mais de dificuldade para captar os assuntos, principalmente de matemática. É por isso que muita gente odeia a escola. Toda essa competição frenética e sem sentido.

Bem, nós estávamos no ensino fundamental, no sexto ano e isso era meio que babaquice da nossa parte, nós tínhamos mais que brincar e se sujar e quebrar as coisas e dar trabalho e receber recadinhos na agenda do professor falando sobre nosso comportamento ruim, não que eu não recebesse esse tipo de recado quase todo dia. heheh

Minha mãe ficava enfezada toda vez que tinha que assinar a minha agenda mostrando que estava ciente dos pontos levantados pela professora pelo meu comportamento terrível e sobre eu não ser participativo em classe.

_ Menino, essa é a última vez que eu assino. – ela empurrou a agenda e a caneta contra o meu peito, enraivada e se virou para o balcão da cozinha para pegar seu café. Minha mãe estava atrasada para ir ao trabalho. De novo.

_ Acho que a professora está esperando que a senhora vá lá. Só fica mandando esses bilhetes para saber quando você vai dar um passo *em prol da melhoria da minha educação!* – eu disse com um tom de desdém na voz, matreiro e sorridente, como um moleque levado. Ainda arqueei a sobrancelha em tom de desafio e estalei a língua.

_ Tiago, cuidado com a língua. Eu posso arrancá-la de você! – ela esboçou um sorriso a La Rochelle de Todo Mundo Odeia o Chris que me fez arrepiar com a cena aparecendo num flash assustador na minha cara. Credo!

No geral eu sempre mostrava a minha agenda para minha mãe assinar pela manhã. Não gostava de mostrar quando ela chegava do trabalho, porque muitas vezes ela chegava estressada e eu não gostava de dormir com o ouvido estourando de tantos gritos sobre como ela dá um duro danado – *e seu pai também, só que ele só vive viajando e eu estou aqui e tenho que aguentar seu comportamento horrível e blábláblá* – para me manter na escola e que eu não estou respeitando isso e não dando frutos. De manhã ela sempre está mais calma apesar de já ter declarado oficialmente que odeia as manhãs. Minha mãe detesta acordar cedo. Eu opto por mostrar um efeito colateral das minhas travessuras num momento que ela claramente não pode perder o controle porque tem que aparecer apresentável na empresa.

*

Na escola, Tobias sempre levava sua garrafinha de refrigerante, aquelas pequenas e rechonchudas de guaraná Schin muito fraco e açucarado, biscoitos ou qualquer salgado, e sentava no banco de mármore daquele lado do pátio como a turma do ensino médio. Ele queria parecer descolado e maduro e mais velho. Mas acho que ele deveria ter algum problema sério quanto a isso porque era bem visível a sua infantilidade quando colocava o pé para alguém tropeçar ou ficava fazendo mangação dos colegas quando eles faziam algo constrangedor na frente das garotas ou na frente da sala inteira.

O coordenador de disciplina sempre nos olhava torto. Aquela era uma área que ele não passava muito e nem podia ficar tempo o bastante porque sempre deveria estar observando o comportamento dos outros alunos na área comum, os menores que exigiam mais atenção e cuidado. E também porque ele passava por toda a escola avisando para as pessoas nos corredores ou em qualquer lugar: *jogue o lixo no lixo, tá bom? Tobias, por favor, jogue a sua garrafinha na lixeira correta*. O coordenador não podia gastar seu tempo somente com cinco manés que se achavam os tais. Mas ele sempre pegava no nosso pé. É claro.

Depois de alguns poucos meses, nossa galera foi ficando maior e começamos a nos reunir naquela área mesmo. Garotos são assim, começam a falar de futebol, de luta, de vídeo game e está tudo bem, todo mundo é *brother*. A gente nem tinha muito problema e nem se preocupava com discussões e coisas desse tipo, porque essa realidade de picuinhas não existia.

Como nossa turma foi crescendo mais, falei para o Tobias que seria uma boa se ficassemos mais perto dos outros alunos do fundamental, na área comum cheia de brinquedos, mas ele se achava o maioral e queria que as pessoas fizessem fila para estar com ele. Tobias passou a dizer que ficar naquela parte distante do pátio nos dava vantagem contra o coordenador de disciplina se nós quiséssemos fazer alguma coisa ilegal do manual do aluno. É isso mesmo, a gente tinha um manual do aluno, fala sério! Tobias disse isso olhando fixamente para Luana. A garota nova que viera estudar na nossa escola. Era proibida a demonstração de afeto em público, namorar, beijar e todas as outras coisas envolvidas. Estava claramente explícito no manual em negrito. Mas todo adolescente acha mais legal quando as coisas são proibidas. Quando é permitido não tem tanta graça assim. São essas sensações que permeiam essa idade de descobertas e mudanças.

Tobias estava claramente interessado nela, outros garotos ainda estavam na fase de achar as meninas frescas e nojentas, mas Tobias me contou que o irmão dele disse que ele tinha que começar cedo sua fama se quisesse se dar bem na escola. Perguntei a ele se estava tentando conquistar a menina

porque queria ou porque fazia parte do “processo” da vida na escola e toda a questão de hierarquia. Ele deu de ombros.

E depois que nós passamos a ficar cada vez mais por ali, eu comecei a ficar um pouco de escanteio, por opção, me sentando um pouco afastado do grupo toda vez que Tobias começava a agir como um troglodita idiota e pedia para Luana sentar em sua perna de uma maneira bem obscena e imoral e gritava com os caras por besteiras. Ele estava virando um chato. Grande parte do tempo eu gastei jogando cartas, sozinho. Eu ganhava bastante de mim. Eheh. Era patético, mas eu preferia não fazer parte e não compactuar com coisas que eu não concordava.

Com o passar dos dias percebi que ali perto de onde estávamos estava a biblioteca. Estudei no Colégio Vera Cruz a minha vida TODA, quer dizer, a minha infância toda, até aquela época, mas só depois de um milhão de anos que percebi a biblioteca. Eu nunca fui um cara muito de ler, só o necessário, o assunto que ia cair na prova do dia seguinte.

Nunca fui um modelo excepcional de estudante. Dormia na aula de Geografia, não tinha paciência para estudar o solo que eu estava pisando! Fala sério. Não tinha interesse na matéria e ficava com sono porque a maioria dessas aulas era no primeiro horário, ou seja, eu ainda não estava acordado, estava grogue dos solavancos que minha mãe fazia para me obrigar a levantar para me levar a escola porque se não chegaria tarde ao trabalho... *e a culpa vai ser sua, Tiago!* Ela sempre cantava essa música toda manhã. *Quando eu chegar em casa nós conversamos!* Essa frase sempre me deu um calafrio na espinha, mas minha mãe ultimamente estava com **memória de queijo** e se esquecia de me dar bronca.

Não é que eu fosse um gênio e as minhas notas fossem boas o suficiente para eu me dar a oportunidade de regalia como dormir na sala com direito a uma almofada. É sério, às vezes eu levava uma pequena almofada na mochila para esse tipo de coisa necessária.

A verdade é que eu tinha dificuldade em inúmeras matérias. Matemática – o terror – estava no topo da lista, seguida por Português, Ciências e Geografia. Todas as matérias CÃO. A professora de Português, certa vez, tinha me mandado para a psicóloga da escola, porque notara a maneira como minha mente às vezes era desleixada com algumas coisas e questões simples que devíamos responder na sala, ela disse que eu era um tanto hiperativo e queria se certificar disso, que requisitou a presença da minha mãe e, que gentilmente precisou protelar a visita por estar muito ocupada com o trabalho para comparecer. Depois de uma semana a psicóloga tinha me chamado de novo e eu disse que ela não viria. Mandeí que ela esquecesse.

_ É uma pena. Eu realmente queria conversar com ela sobre questões que envolvem seu comportamento.

_ Ah, não precisa. Minha mãe já sabe que sou um desastre e só um milagre caindo do céu feito um raio para eu melhorar.

_ Ela diz isso?

_ Basicamente. – dei de ombros, batucando freneticamente o braço da cadeira de madeira. Odiava o silêncio e ficar parado. Não importava, eu tinha que fazer alguma coisa. Como por exemplo, jogar cartas sozinho. Era uma compulsão já e as pessoas estavam comentando. Eu estava rodeado de gente, mas contraditoriamente estava cada vez mais solitário.

_ Eu vou escrever uma carta para ela explicando sua situação. Pode passar aqui no final das aulas?

_ Ela não vai vir, sabe? Não se desgaste com isso.

_ Ela não vai precisar, quer dizer, se ela realmente se importa com você e entender o que explicarei na carta, ela virá para termos uma conversa.

E acabou que minha mãe realmente foi e descobrimos que eu era hiperativo e preguiçoso ahaha. Quer dizer, eu não conseguia parar quieto e mesmo que o que eu estivesse fazendo fosse relativamente calmo porque eu não precisava estar gritando para fazer várias coisas ao mesmo tempo, eu tinha esse problema. Eu não conseguia me concentrar nas coisas por muito tempo e me dispersava facilmente e esse era o motivo de eu estar indo tão mal nas matérias, principalmente em Matemática – o terror – e Português. Coisas precisavam ser feitas para que os meus hábitos comportamentais e essa dispersão na aula melhorasse.

Enfim... Voltando a biblioteca! Bem, eu comecei a prestar atenção no movimento da biblioteca. Eu silenciava a minha mente da galera barulhenta e prestava atenção no que acontecia lá, através do vidro. Parecia ser um lugar enorme e poderoso. A minha vida toda eu passei bem longe daquele lugar pelo motivo óbvio de que eu não lia e não tinha interesse de fazer leitura. Havia uma infinidade de livros acumulados ali e só de observar, por um tempo, fiquei com preguiça. Como alguém conseguia fazer tanta leitura? Parecia impossível ler todo o acervo da nossa pequena biblioteca.

Mas as pessoas que entravam ali pareciam gostar, elas pareciam estar alegres sem precisar mostrar os dentes num sorriso tipo Colgate, submersas em outra dimensão, fazendo sei lá o quê! E abismadas e interessadas pelo que estava escrito nas muitas páginas. Palavras. Palavras. Palavras. Palavras.

De onde eu estava dava para ver uma menina sentada num canto adjacente à porta de vidro, encostada a parede, entretida num livro. Eu a conhecia. Era da nossa turma. Ela não conversava muito ou talvez eu não prestasse tanta atenção assim nela. Não sei, talvez sim, talvez não. O fato é que ela sempre chegava na sala com um livro. Toda semana era um novo. Autores de nomes difíceis que nunca ouvi falar, não que eu conhecesse muitos autores, mas eu já tinha ouvido falar de Machado de Assis. Já era uma coisa grande! Eu nunca tinha lido nada dele, porém.

O primeiro livro que li na infância se chamava Magia das Árvores.

Foi um paradidático que a escola recomendou à leitura. Na época eu estava no segundo ano do fundamental e estava empolgado porque sabia decodificar as palavras e lê-las. O grande problema era que eu não conseguia me concentrar para fazer leitura de textos grandes. O livro de Maqui, *Magia das Árvores*, tinha em torno de quarenta e duas páginas e essa quantidade parecia grande demais para mim e ainda assim eu estava disposto a aceitar o desafio, afinal, eu queria LER. Quando se aprende algo novo tudo parece as mil maravilhas e realmente parecia.

Toda faixa na rua, letreiro ou qualquer coisa com palavras eu lia. Tinha vezes que eu pedia para meu pai dirigir mais devagar para eu poder ler o que estava escrito no outdoor. Eu tinha virado um papagaio incontrolável. Mas isso foi antes!

Eu li a primeira página do livro *Magia das Árvores* mais de seis vezes porque eu não conseguia me concentrar, dispersava rápido e facilmente, eu tinha que toda hora estar voltando os parágrafos para tentar compreender o que estava escrito. Eu tinha decorado a primeira linha do capítulo, na verdade: *Vagamundo não era Vagabundo!* Depois de um tempo eu desisti e parei de reler os parágrafos que eu não entendia e passei a só ler as palavras, sem realmente entender o que estavam dizendo. Esse tipo de coisa era frequente. Algumas vezes.

Quando ia estudar para Geografia e matérias desse tipo, eu lia o conteúdo em voz alta. Minha mãe dizia que era bom para fixar, mas eu ficava triste com isso. Não gostava da leitura oral visto que todo mundo já fazia leitura silenciosa. E isso era sinônimo de inteligência. Eu lia em voz alta para não me dispersar, mas ainda assim isso acontecia de tempos em tempos. Eu não me sentia muito inteligente às vezes.

De volta à biblioteca, novamente. Aquele lugar parecia diferente, parecia puxar as pessoas para lá para dentro e ainda assim afasta-las. Quer dizer, me afastar. Todo aquele acervo me deixou bastante assustado e me senti pequeno porque eu realmente não lia tanto assim. A partir desse dia passei a observar a

biblioteca e a menina que sempre sentava no mesmo cantinho e estava todos os dias ocupada com um livro.

*

Eu já estava observando aquela menina há a uns bons dois meses para ser exato. A rotina dela era sempre a mesma, pelo menos no intervalo. Ela entrava na biblioteca com seu livro e ia sentar no seu canto corriqueiro com a cara neles. Era num carpete cheio de almofadas grandes e uns pufes ajeitados contra a parede. A menina ficava sempre ali. E não importava o movimento, quem entrava ou saía nem nada, ela não se mexia e nem se distraía. Perguntei-me como ela conseguia isso. Era tão difícil para mim, qualquer mosca zumbindo perto me tirava a atenção do que quer que eu estivesse fazendo.

Certa vez me perguntei se ela sentia que estava sendo observada. Ouvi dizer que as pessoas sabem ou sentem quando alguém está olhando; e mesmo que eu estivesse do outro lado, e ela segura atrás das portas de vidro, eu não podia acreditar que ela não percebia. Eu perceberia, tipo, ter alguém te dissecando com os olhos, cheio de curiosidade, por dois meses era alguma coisa! Como ela podia não olhar para o lado? Mas eu não a conhecia e essa garota parecia ser muito na dela. Sozinha.

*

Num jantar em família, certa noite, meu pai chegou em casa depois de suas muitas viagens a trabalho e me deu um livro. Ele estava orgulhoso de si mesmo, não sei por que, ele queria comemorar sua felicidade e comprou presente para nós. Eu podia dizer que ele poderia ter comprado o jogo Fall Out para o meu Xbox, mas não disse nada. A felicidade era dele e ele que me dera o presente por livre espontânea vontade, não era o meu aniversário.

Eu estava planejando guardar o presente no fundo do meu guarda-roupa e deixar lá, conservado para sempre, para que meu pai, quando estvéssemos mais velhos, visse que eu tinha guardado bem o seu presente,

quando ele disse:

_ Depois me conta o que achou da história, Tiago! Eu li quando tinha sua idade. Abriu os meus olhos para várias coisas.

Eu fiz uma careta interna e suspirei porque não teria como eu me safar dessa. Meu pai ia querer saber o que eu achava do livro. Que beleza! Eu pensei em várias formas de me livrar da leitura, mas todas elas pareciam estranhas e com certeza não dariam certo. O livro era de um tal de Oscar Wilde Nunca Ouvi Falar! Talvez se eu fizesse uma doação para a biblioteca, um gesto de boa ação, meu pai não ligasse muito.

É claro que eu me senti um pouco mal por estar querendo assiduamente tentar burlar o inevitável encontro que eu deveria ter, mais cedo ou mais tarde, com a leitura. Ainda assim deixei o livro guardado no fundo do meu guarda-roupa, quando surgisse a vontade eu com certeza leria... ou não.

*

Depois, os dias na escola foram seguindo normalmente e eu continuei a observar a menina da biblioteca, até que um dia me vesti de coragem, sentindo-me bastante curioso, e caminhei até a porta de entrada. Parecia estranho, como se fosse uma bolha, um campo de força me impedindo de entrar ou de sair... sei lá. Ou simplesmente ninguém quisesse sair e a bolha os protegia, pelo menos por um tempo, para que ficassem imersos nesses mundos e lessem em paz. Atravessei a porta e olhei diretamente para a garota. Eu não podia ser mais óbvio, mas eu tinha muita curiosidade.

Então caminhei pelo tapete e me sentei ao lado dela, sem mais nem menos. Ela continuou sem se mexer, seguindo as páginas com os dedos para conferir algo. Eu me inclinei para o lado para ler o que ela estava lendo e ver o que ela estava fazendo quando ela se aprumou e olhou para mim com seus olhos grandes e amendoados. O cabelo dela estava trançado, mas havia uns fios soltos emoldurando seu rosto pequeno e delicado.

_ Bom, enfim decidiu embarcar na maravilhosa vida da leitura. – ela disse e esboçou um meio sorriso bem rapidamente. Foi estranho, parecia que ela não se permitia isso.

_ Hã?

_ Você quer ler? Vi você olhando para cá quase todo dia!

Fui descoberto.

Balancei a cabeça afirmando, mas nem sei por que fiz isso, por dentro eu estava me perguntando o que eu estava realmente fazendo e o que estava saindo da minha boca. Eu parecia um inútil sem voz.

_ Ok Eu comecei essa página agora, é o início do livro, então eu espero você me acompanhar. A gente pode ler junto, se quiser!

Ela voltou a se recostar na parede, se aproximou de mim para que eu tivesse uma visão melhor da página e apontou para que eu comesse a ler. Engoli em seco e me pus a decodificar as palavras. Eu não consegui me concentrar no início, não com ela me observando. Fiquei com medo de não ter desenvoltura, o que eu realmente não tinha, e velocidade. O capítulo parecia se arrastar e parecia que eu não ia termina-lo nunca. Perdi as contas de quantas frases eu não entendi e quantas li só por ler porque estava disperso e sem entender o real significado da coisa. Pra quê aquele monte de palavras escritas e porque tão difícil? Se não quer que ninguém leia, não escreva! É o que acho! Por um momento eu quis me levantar e sair dali, estava com vergonha, mas fiquei com mais vergonha ainda se ela soubesse do meu problema para me concentrar e me chamasse de covarde por não tentar.

Então, contra mim mesmo, eu fiquei e li com ela. A menina era mil vezes mais rápida do que eu. Senti-me mal por ser tão lento e ela ter que me esperar para passar cada página porque eu demorava demais. Naquele intervalo

nós lemos um capítulo e mais duas páginas do segundo. Eu me senti um nada perto dela, pequeno. Poderia me colocar em meu próprio bolso. Queria me despedir, sair logo e nunca mais ler nada e nem voltar para aquele lugar silencioso. Pensei que ela ia fazer uma careta para mim e reclamar ou até mesmo ser boazinha e falar mentiras, dizer que eu estava indo bem e coisa e tal, mas ela disse outra coisa.

_ Amanhã na mesma hora. Vê se não se atrasa! Vamos bater a meta de ler três capítulos por recreio.

Eu queria dizer a ele que não tinha entendido quase nada do texto e que eu não queria mais ler aquele livro além de que eu era muito lento e não iria conseguir ler mais rápido do que isso, mas não consegui dizer nada. Havia algo de intrigante na maneira de ela se expressar, algo convidativo e não havia motivo e como dizer o contrário. Apesar de tudo, eu havia gostado de ficar dentro da bolha, parecia interessante, da mesma forma que eu olhava do lado de fora e me intrigava, maravilhado.

_ Certo. Até amanhã.

E depois desse dia nós iniciamos uma rotina de leitura assídua. Todos os intervalos nós estávamos na bolha. Não conversávamos muito, só o indispensável, não havia tempo, nós tínhamos que aproveitar cada segundo precioso para colocar a leitura em dia. Quando terminávamos um livro ela me mandava uma mensagem com sugestões de leitura para eu opinar. Ela, o nome dela era Daniela, me disse certa vez que eu podia dar ideias para novas leituras, mas eu disse que não podia.

_ Eu não leio muito... comecei a pouco tempo e não conheço muitos autores.

_ Pois deveria, na verdade você deveria tentar e procurar por si mesmo. Encontre textos que se identifique, leia sobre autores que se interessa ou conheça-os e depois nós fazemos a leitura do livro que quiser. A gente vai

intercalando.

_ Na verdade eu tenho um livro... – eu disse com vergonha, lembrando-me do destino que dei a ele: escondido no fundo do guarda-roupa. – Está no fundo do meu guarda-roupa. A gente pode ler depois, é do Oscar Wilde.

_ Ótimo autor!

Eu balancei a cabeça em concordância, mesmo sem conhecer a escrita do autor e nenhuma de suas histórias. Daniela parecia ter um bom gosto e refinado e entender desse tipo de coisa, desse mundo, eu ainda estava entrando nele aos poucos, tentando entender e vive-lo. Eu finalmente estava completamente na bolha.

Certo dia, depois de quase um mês lendo com Daniela, eu olhei para fora, através do vidro. Não sei por que, mas nunca me ocorreu de olhar para o que eu tinha deixado para trás, na maioria do tempo eu estava com a cara nos livros, concentrado, fazendo caretas que tenho certeza que eram bem estranhas – Daniela já riu de mim certa vez e disse que era supernormal, que ela franzia o cenho quando no livro o narrador dizia que tal personagem franzia a testa, ela disse que fazia tudo igual aos personagens por se envolver demais na história – e submerso no mundo da imaginação.

Mas naquele dia eu vi que meus amigos estavam lá, continuavam conversando e fazendo baboseiras e coisas de garotos. Eu realmente queria que eles vissem como é diferente e interessante esse mundo, queria que eles conhecessem e deixassem a imaginação aflorar os pensamentos. Poderia ser divertido, mas pela maneira que Tobias me olhava e alguns outros, eu soube que tão cedo não era uma boa hora. Eles não sabiam por que eu tinha me afastado um pouco, nem eu, eu simplesmente quis vir, entrar, conhecer e descobrir, e foi isso que fiz.

Achei diferente olhar para fora de dentro da bolha, a maioria do tempo eu estava do lado de fora, observando Daniela. Agora eu estava dentro e

não queria sair. Mesmo com todas as dificuldades eu estava aprendendo e mesmo quando eu dispersava, ela estava sendo bem paciente, esperando eu terminar de ler a página para prosseguirmos.

_ Sabe, eu não entendo tudo que eu leio. E nem sou rápido como você.

_ Ah, eu também não era rápida, isso você adquire com o hábito!

_ Mas às vezes eu me sinto menor e acho que posso estar te atrapalhando de alguma forma. – dei de ombros, falando no pouco tempo que arranjávamos para conversar sobre qualquer coisa, na maioria do tempo era para falar abertamente e com muitos *spoilers* sobre as nossas percepções diferentes sobre os livros e os personagens que chamavam a nossa atenção ou nos irritavam no decorrer dos livros. Nesses meses de leitura nós lemos, pelo menos, cinco livros. Eu atrasei o ritmo de leitura dela um pouco.

_ A coisa realmente importante é você persistir. Tenho certeza que em algum momento o seu cérebro vai desistir de lutar contra essa *paixão intensa* que está nascendo em você pela leitura. – ela disse com um sorriso brincalhão.

Eu sorri para a afirmação dela, porque de verdade, eu realmente estava gostando de ler, mesmo que em alguns parágrafos eu voasse um pouco e precisasse voltar tudo de novo para melhor compreender o texto. Mas esse negócio está melhorando. A psicóloga disse que eu estava progredindo, o que foi um desperdício de consulta, ela só atestou algo que eu já sabia, a diferença foi que ela contou para a minha mãe, que pareceu mais feliz com isso.

Não que eu tenha deixado de me esconder na parede e dar umas cochiladas na aula, ou então ficar olhando as pessoas do lado de fora através da janela na sala de aula.

_ Minha irmã é hiperativa também. Eu percebi que você voa

mesmo às vezes. A gente pode começar a ler em voz alta se quiser. Pra você se concentrar mais e focar na voz.

_ Não porque isso pode tirar todo o brilho do mundo silencioso.

*

Com o tempo eu adquiri velocidade e apesar da minha hiperatividade, consegui me focar mais. Puderam, não é? Depois de sete meses alguma coisa tinha que melhorar. Uma vez, em um dos jantares feitos em família, quando por milagre meu pai estava em casa, ele tinha conseguido ficar sem viajar por um mês, o que era algo grande, nós conversamos sobre o livro que ele me deu.

_ Pai, eu finalmente li aquele livro que você me deu. O retrato de Dorian Gray.

_ Que bom, meu filho. – ele disse com um sorriso enorme. Depois enfiou uma garfada de macarrão na boca e fez um barulho de satisfação. – O que conseguiu compreender da história do Wilde?

_ É um pouco filosófico esse livro, não? A Daniela disse isso e explicou algumas para mim. A questão da valorização da beleza externa, a vida desregrada do Dorian.

_ Quem é Daniela? – perguntou com certo interesse. Das poucas coisas que falei ele prestou atenção nisso.

_ É a minha amiga de leitura. A gente lê junto na biblioteca e conversa sobre os livros que a gente lê junto.

_ Não sabia que tinha uma amiga de leitura.

_ É, ela bem legal. Está me ajudando.

_ Ajudando em quê?

_ A ler *de verdade* e entender, a simplesmente me concentrar na leitura.

_ É verdade. – minha mãe se intrometeu com um sorriso satisfeito e abobalhado no rosto. – Nosso pequeno Tiago está melhorando graças à ajuda dessa garota.

*

Depois que o ano letivo terminou, eu e Daniela continuamos a nos falar por mensagem de *whatsapp*. Ela estava numa viagem num acampamento para meninas e eu estava um tempo a mais em casa, como sempre. Mesmo não estando na biblioteca nós colocamos uma meta em prática de ler três capítulos por dia e comentar por telefone duas vezes por semana o que nós concluímos na leitura dos livros estipulados para as férias. Era tão libertador conversar com alguém que entendia e conhecia a história do livro, ter uma conversa cheia de spoilers sempre foi tão bom! A magia de poder expor todos os sentimentos e emoções que a leitura causava era tão revigorante.

Além das nossas conversas sobre livros, nós conversávamos sobre o que estávamos fazendo nas férias. Eu passava algumas tardes no vídeo game ou andando de bicicleta na rua, ganhando um dinheiro extra varrendo o jardim dos vizinhos e levando seus cachorros para passear.

Eu até tinha ido à casa do Tobias emprestar um livro. Eu queria conversar com ele, saber o que estava acontecendo e como ele estava. Desde que as aulas tinham terminado nós não conversamos muito, parecíamos distantes. Eu gostava de achar que éramos amigos ainda, só estávamos com olhos para coisas diferentes naquele momento. Ele tinha achado muito estranho eu ter ido lá,

até franziu a testa ao me ver parado em sua porta, mas ainda assim percebi que ficou contente e me convidou para entrar e jogar em seu PS3.

_ Então, qual é o lance de você e a menina da biblioteca?

_ A gente lê junto. – eu disse, apertando os botões do controle freneticamente, um tanto concentrado mais na tela a nossa frente do que na expressão dele e na conversa. – Esse livro que eu emprestei, foi o primeiro que a gente leu na biblioteca.

_ Ah. A galera sente falta de você.

_ Eu sei. Só vou aprender a dividir um pouco mais meu tempo, eu só fico um pouco mais na bolha, sabe? Você deveria experimentar também!

_ Valeu, cara. Eu vou ler.

_ Depois me conta o que achou.

Duas semanas depois ele foi de bicicleta na minha casa e me devolveu o livro. Nós fomos disputar corrida de bicicleta pelo quarteirão e depois fomos para a praça do bairro jogar futebol na quadra com a turma. Quando voltamos para casa ele disse que não tinha entendido muita coisa da história, mas o conceito de algumas coisas do texto ele tinha aprendido. Eu expliquei que havia demorado também, mas que com o tempo peguei o ritmo e entendido situações implícitas nas histórias.

Falei para Daniela sobre ter infectado Tobias com o hábito da leitura. Disse que ele não precisava respirar leitura como ela respirava, mas criar o hábito já era satisfatório. Ele tinha dado uma chance era o importante. Daniela contou que estava aprendendo várias coisas inúteis sobre acampar, ela contou que não entendia porque tinha ido para aquele lugar se não conseguia se ver fazendo *camping* e coisas do gênero, ela disse que seu corpo sedentário não era

programado para esse tipo de coisa que requeria esforço. Mas apesar disso, ela estava gostando de ficar ao ar livre e da sensação de ler em meio à natureza.

Eu estava bastante empolgado porque íamos voltar às aulas e à nossa rotina de leitura na biblioteca. Mas no ano seguinte do ano letivo Daniela não apareceu. Todas as comemorações de início de ano tinham prejudicado a nossa comunicação devido aos jantares em família, as viagens e esse tipo de coisa. Era o primeiro dia de aula e eu não levei isso muito em conta, muita gente falta no primeiro dia de aula, eu já falei também.

Mas depois, dois dias haviam se passado sem ela aparecer e isso me fez ficar bastante preocupado. Eu não queria parecer um garoto desesperado para conversar e para ler, eu queria dar a ela um espaço, não queria parecer intruso, no entanto, depois de uma semana, quando na segunda ela não apareceu fiquei bastante receoso e apreensivo. Tentei ligar em seu telefone, mas ela não atendeu todas as dez chamadas que fiz.

Depois de dois dias, liguei para a casa dela, quem atendeu foi a mãe.

_ Alô. Daniela está?

_ Quem é?

_ Tiago, o amigo de leitura dela da biblioteca.

_ Ah. Aqui é a mãe dela.

_ Eu só queria saber se ela vai vir para escola, Daniela nunca faltou assim e... ela está bem?

A linha ficou muda por um minuto inteiro que me deixou preocupado.

_ Escute, Daniela não quer que ninguém venha vê-la, mas você parece estar muito preocupado e eu acho que seria uma coisa boa se algum amigo dela pudesse ajuda-la agora. – a mãe dela suspira na outra linha. – Bom, pode anotar o endereço?

Depois de nossa conversa, fiquei bastante preocupado e chateado, mostrei o endereço para minha mãe, fui para meu quarto, peguei um livro que tinha acabado de comprar e fui direto para casa dela. Não sabia bem o que encontrar, mas depois que a senhora Oliveira me cumprimentou e me levou para o corredor e bateu na porta de um quarto, e esperou, fiquei realmente nervoso.

_ Daniela, tem alguém aqui para ver você. – a voz da mulher soava ansiosa e esperançosa.

_ Não tem ninguém para me ver. Eu não tenho amigos, mãe. Não quero conversar com os filhos das suas amigas. – ela disse com raiva e acrescentou com um tom mais afável: – Sem ofensas se um de vocês estiver aí na porta.

A senhora Oliveira suspirou, apertou os olhos e olhou para mim com pesar e tristeza. Depois limpou as lágrimas e falou baixinho:

_ Você é amigo dela, não é? Acho que você foi a terceira pessoa que ligou, mas ninguém teve tanta persistência como você. Ela não tem amigos, não é?

_ Eu sou amigo dela... e ela tem os livros.

_ Mas para situações como essas os livros não servem de nada.

_ Que situações? Os livros são sempre bons, ótimas inspirações e muitas vezes abre a mente das pessoas. Não seja tão dura.

_ Bem, nada disso adianta agora para ela... – a senhora baixou o olhar para suas mãos suadas e começou a chorar baixinho.

_ Daniela não é solitária, ela só prefere os livros. É um mundo que quem está do lado de fora não compreende, mas quem está na bolha sabe. É sensacional e emocionante. Todos deveriam experimentar. Quem está de fora acha estranho e anormal até se deparar com a maravilhosa realidade que é o mundo imaginativo dos livros.

_ Menino...

_ Nós vivemos numa sociedade em que as pessoas não leem muito, no geral os estudantes só leem os paradidáticos quando se mandam e, vez ou outra, sou a prova clara disso, nunca tinha lido as recomendações da escola até o ano passado. Os alunos só estudam os livros, quer dizer, só leem os livros superficialmente na véspera das provas. Somos uma sociedade um tanto preguiçosa. Talvez, se olhar bem, eu seja um reflexo disso. O espelho simples!

A senhora Oliveira tocou no meu cabelo com um cuidado diferente, cheio de desvelo, sorriu para mim e depois limpou as lágrimas. Bateu na porta do quarto e abriu para mim. A cena que vi lá dentro foi estranha e diferente de tudo que eu imaginava. Na verdade eu não imaginei nada, estava ansioso pelo pior, mas não por aquele pior. Pela maneira enigmática que a mãe de Daniela se portou a mim, pensei que algo de ruim acontecera, mas não naquele nível.

Daniela olhou para mim, quer dizer, não para mim, ela voltou a cabeça em direção ao barulho da porta sendo aberta. Seus olhos estavam desfocados e ao redor deles a pele estava um tanto queimada, diferente e com rugas contrastantes.

_ Quem está aí? – ela perguntou, meneando a cabeça, como se ainda assim fosse possível enxergar qualquer coisa.

_ Daniela. – eu falei, mas minha voz estava embargada e nervosa e soou mais como um murmúrio.

Ao som da minha voz ela ficou em alerta, o corpo ficou rígido e ela ficou parada como estava. Um silêncio estranho nos inundou, não como os silêncios que tínhamos quando líamos na biblioteca, um silêncio diferente, cheio de significados e respostas, traiçoeiro e ansioso.

Eu queria me aproximar da beirada da cama dela, perguntar o que tinha acontecido, mas seria uma pergunta ridícula e insensível. Estava muito claro. Daniela estava cega. Foi algo muito difícil de processar, nunca tinha visto nada parecido acontecer. No geral, as pessoas que eu conhecia já haviam nascido sem enxergar. Mas com ela não foi bem assim e eu não sabia o que estava acontecendo a respeito disso e o que fazer a respeito para ajuda-la ou confortá-la, isso é, se ela precisasse de algo como isso, ela sempre foi alguém bem decidida e forte.

_ Tiago. – ela murmurou por fim e virou o rosto. Observei seu perfil de repente se encolher e lágrimas caírem de seu rosto. – Eu não queria que você me visse dessa forma. Não queria...

_ E como queria que eu te visse?

_ Não esperava que você fosse querer me ver e se soubesse o que de terrível aconteceu comigo, não iria me procurar mais. – ela suspirou, a voz entristecida e ansiosa. – Nós líamos juntos e isso não seria mais possível...

_ Ei, eu sou seu amigo. – acenei para que a mãe dela saísse e me aproximasse, ainda mantendo um pouco de espaço entre nós. – Você me mostrou um mundo novo e diferente. Nos conhecemos por causa disso e nos tornamos amigos devido a esse mundo, mas você me mostrou uma vida do lado de fora também. Quando ligávamos um para o outro para conversar e coisas desse tipo. Foi por causa dos livros, mas foi você, a menina da biblioteca, que eu vi durante

vários meses, que observei. Você chamou a minha atenção e é isso que conta.

_ O que está dizendo...

_ Eu estou aqui, Daniela. – me aproximei dela e segurei sua mão com força, senti as lágrimas nos olhos e precisei me controlar para não chorar. – Independentemente de qualquer coisa eu sou seu amigo.

Daniela virou o rosto na minha direção, os olhos desfocados e perdidos numa nuvem escura e sem alcance. Eu me inclinei e a abracei com força. Ela sussurrou um obrigado e chorou mais um pouco. Eu não consegui me controlar e chorei também. Estava preocupado com o que acontecera a ela e o que se seguiria a partir disso.

Ela me contou que estava voltando do acampamento quando sofreram um acidente de carro. Houve uma batida, uma caminhoneta os tirou da rota da estrada e os jogou num armazém químico em uma avenida. O impacto foi enorme e os feriu gravemente. O pai de Daniela foi atingido, teve as pernas lesionadas e quebrou o braço direito. Daniela estava no banco detrás e foi jogada contra o banco da frente do carona, mas acabou ferindo a cabeça, a última coisa que viu foi uma luz e depois um líquido caiu em seu olho e ela sentiu um queimar e os fechou antes de desmaiar.

Pelo que os médicos disseram, o carro batera de lado na lateral do armazém, e com o impacto, a área dos produtos químicos foi afetada. Como Daniela estava no banco detrás, foi atingida, mas ela não teve muitos ferimentos como os do pai. Os produtos químicos que acertaram a lateral da lataria acabaram respingando nos olhos dela antes de ela desmaiar e algo mais grave acontecer. Daniela perdeu a visão total. O produto era muito forte. Um tipo de querosene. E agora tudo tinha mudado. Daniela não podia ler mais comigo na biblioteca e não tínhamos mais como ler como antes.

A menina da biblioteca não estaria mais lá.

Com o passar do tempo comecei a visitar Daniela regularmente, no início ela foi contra, ainda estava chateada e enraiva por tudo que tinha acontecido. Ela já tinha passado da fase culpar a todos por tudo, mas de tempos em tempos ela se perguntava por que isso havia acontecido a ela. Certa vez eu perguntei como era, o que ela sentia não por não poder ver. Ela me disse que enxergava a escuridão, tudo era sem luz. Ela me disse, num humor negro, que não lamentava tanto assim porque agora não tinha que ficar olhando a minha cara feia todos os dias. Era um alívio.

Fiquei feliz por ela poder e conseguir rir de alguma forma na situação que estava. Pedi para ler para ela todos os dias, mas ela recusou a princípio, sentindo-se um tanto ofendida. Daniela ia começar a aprender o braille e seria completamente diferente do que estávamos acostumados. Pedi a senhora Oliveira para ficar porque queria aprender também para ficar a par da nova realidade de Daniela. Ela permitiu contanto que eu não atrapalhasse em nada no aprendizado da filha.

Havia dias que precisava fazer massagem ao entorno do olho dela para parar de queimar, às vezes ela sentia esse ardor que incomodava e chorava. Eu contava a ela como estava sendo na escola e como as pessoas estavam perguntando sobre ela, aparentemente todos sabiam que éramos amigos porque andávamos juntos. Eu só não fazia ideia de que as pessoas prestavam tanta atenção na gente. Até Tobias perguntou o que acontecera com a *menina da biblioteca*. E eu expliquei. Daniela sorriu quando eu disse que tinha convidado algumas pessoas e indicado alguns livros para que eles lessem na biblioteca.

Não era da mesma maneira como ela e eu líamos, perto e acompanhando a leitura um do outro para comentar depois. Havia muita gente agora lendo por lá. Não era todo dia que todo mundo frequentava o lugar, mas para mim já era um avanço, uma coisa boa. As pessoas estavam gastando um pouco mais de tempo para ler. Eu contei para Daniela que o nosso amor pela leitura poderia fazer coisas grandes e ela ficou feliz por ter contribuído de alguma

forma em meu crescimento nessa área.

Quando aprendi todo o alfabeto em braile, pedi a Daniela, novamente, que me deixasse ler para ela, para que nós pudéssemos fazer como antes, só que de uma forma diferente, o que realmente contava para mim era que nós estaríamos conectados na mesma história e poderíamos muito bem comentar. Eu pedi que me deixasse ajudar como ela tinha me ajudado e me esclarecido várias coisas durante os meses quanto à parte da concentração e a persistência que me fez adquirir ritmo. Por fim ela disse sim e uma nova rotina se instaurou em nossas vidas.

Toda tarde eu ia a casa dela e lia para ela. Como também ela lia para mim os textos em braile que aprendia com seu professor particular.

_ Outro dia você disse que ia tirar o brilho se eu lesse em voz alta para você. Não tira o brilho, Tiago!

Eu fiquei feliz com isso, apesar de todas as adversidades nós nos unimos e lutamos. Daniela foi indenizada e o homem bêbado que bateu no carro deles teve que pagar pelos danos, e o dinheiro estava sendo revertido para cuidados que ela precisava e para as aulas dela. Tirando toda essa questão burocrática e enfadonha, sempre tentamos nos esquecer dessa parte e viver a vida, seguir em frente, burlando as rochas e pulando estreitos simplesmente para chegar ao outro lado.

No fim eu lia para ela e ela lia para mim.

A menina da biblioteca... e o nosso amor pela leitura!

“A minha consciência tem milhares de vozes
E cada voz traz-me milhares de histórias
E de cada história sou o vilão condenado.”
William Shakespeare

- A MORTE NÃO FAZ EXIGÊNCIAS -

Sou eu aqui de novo
perdido em meus pensamentos loucos,
no meu recôndito me dissolvo
em saudade e angústia.

Me desfaleço em pedaços
ergo o estandarte de luto,
pois minha mente não tem se poupado
e só tenho chorado amargos murmúrios.

Oh, minha querida Genésia
como tenho ansiado pela amnésia!
Perdoe-me, mas a dor que me cerca
tem me feito morrer
em detrimento de te perder.

Como seria mais fácil esquecer,
mas o sofrimento me faz escrever as minhas queixas plangentes
sobre o seu riso contente quando era vivente
o brilho do seu ser.

A sua luta, o seu corpo velado, o cenho pálido
e os olhos que se fecharam pelo árduo e sufocante trabalho
naquela madrugada de sábado.

Oh, que triste dia aquele que descobristes
que eras uma hospedeira e por tantos meses viveu a beira
e a mercê da sorte, entre a vida e a morte!

Compelida pelo desígnio do suplicio,
por um tumor maligno e só agora vejo que a morte te engoliu.
Sem exigências!

- MANGA LONGA OU MANGA CURTA? -

Pense no choro da mulher
que se escondia no quartinho de casa,
que gemia esperando que o filho voltasse da guerrilha
e sentasse na mesa com vida!

Pense naqueles homens
que fugiam dos carros e das correntes,
pois cor do olho designava muita gente

Pense naqueles que corriam desesperados e não percebiam;
que corriam direto para o campo minado
e apesar de não perderem a vida
ficavam mutilados.
Marcados.

Pense na recusa da criança de entrar na guerra civil.
Pense na arma apontada para sua pequena cabeça.
Pense na escolha que a ela era oferecida:
Manga longa ou manga curta?

Pense na violência esporádica!
Pense nas vidas tomadas!
Nas perdas e nos corpos.

Pense na discórdia, na briga entre povos
no triste final suicida,
devastados e enfiados numa arena de covardia
Sem vencedores!

Autora: Alana Gabriela

- VERSOS E ANTÍTESES -

Chora como criança e sorri sem reservas!
Procura um abrigo na chuva e do vento se esconde!
Escreve cartas, exprime seus sentimentos, pensamentos, no entanto rasga as
palavras e esconde as letras.
Escreve poemas e acrósticos,
mas no fim não declama nada!
E sozinho, num canto, por fim, reclamando da
solidão, se aconchega!

Autora: Alana Gabriela

- O CICLO -

Quando ao ocaso me deito, entorneço e pareço criança.

Pura, inocente, alva!

No amanhecer a minha mente acorda,
abre-se o livro dos meus pensamentos estranhos;

Algo louco desperta no mar esquecido
e me submerge em ondas excruciantes e ferozes.

Corro, corro, corro!

Fecho os olhos, fujo, mas desisto e absorvo tudo.

Vivo tudo, escuto tudo, faço tudo que mandam.

Os minutos correm desesperados

Em busca da alegria e pureza perdida.

O novo dia irá começar e o ciclo reiniciará
e uma página nova e branca espera ser escrita novamente.

Com as mesmas loucuras e insanidades!

Autora: Alana Gabriela

- ACRÓSTICO -

Arranquei as palavras de sua boca e
Conheci seus pensamentos mais íntimos.
Refiz os meus conceitos sobre o que sentia por você para simplesmente
Ouvir as suas doces palavras ociosas.
Só para obedecer aos anseios do meu coração desesperado.
Toquei em seu rosto e senti conforto.
Incontroláveis sentimentos me invadiram e fechei os olhos.
Contei seus sussurros e
Olhei para você bem fundo porque te enxerguei com as palavras.

Autora: Alana Gabriela

PLAYLIST

Geralmente escrevo meus livros ouvindo músicas e dessa vez não foi diferente para desenvolver algumas dessas histórias curtas. Portanto decidi deixar algumas canções e trechos que acho que combinam em algum momento com as histórias e que me fizeram pensar: “Hum, é essa. Tudo a ver!”. Deixei também a música tema de Querido Louis que eu mesma fiz, ela é em inglês, mas deixei a tradução de um trequinho dela para vocês! ☺🎵

- Rosas de Cabeceira

“Through My Prayers”, de The Avett Brothers

Eu tenho algumas palavras melhores agora,
Mas é tarde demais para dizê-las a você
Eu só queria te dizer
Eu me importo

“The Power of Love”, de Gabrielle Aplin

Amor é a luz
Assustando a escuridão para longe

- Os Filhos do Meu Pai

“War”, de Kodaline

Há uma guerra entre a minha cabeça e o meu coração
E eu não sei qual lado tomar
Há sirenes gritando atrás dos meus olhos
Eu as escondo porque tenho vergonha
Ou talvez eu sou muito tímido para apenas falar
Ou eu tenho medo do que você pode dizer
E as pessoas tentam me acalmar (Isso só pode melhorar)

"Yesterday", de Switchfoot

A dor que eu sinto por dentro
É onde a vida deixou seus olhos
Estou sozinho para nosso último adeus
Mas você está livre

- Querido Louis

"Everything Works Out In The End", de Kodaline

Eu fui levada a acreditar
Que você era o único para mim
Mas o coração pode enganar e eu era jovem demais para ver

"Let It All Go", de Birdy e Rhodes

Estive esperando por você
Para dizer algo verdadeiro
Não sei por que, não sei por que
Precisamos terminar desse jeito
Não sei por que terminamos desse jeito

"Afternoon Sunset", de Alana Gabriela

Eu posso sentir meu coração derrotado chorar

Eu só preciso matar o tempo
Tudo que você fez por mim
ficou no pôr do sol daquela tarde

- O Inverno de Aurora

“Promise”, de Bem Howard

E me prometa isso
Você esperará somente por mim
Com medo dos braços solitários
Superfície, bem abaixo dessas palavras
Talvez, apenas talvez eu irei para casa

“Have a Little Faith in Me”, de John Hiatt

Quando a estrada fica escura
E você não pode mais ver
Só deixe meu amor jogar uma faísca
E tenha um pouco de fé em mim

- A Menina da Biblioteca

“The Scientist”, de Coldplay

Tinha que te ver, lhe dizer que preciso de você
Dizer que te escolhi

“People Help the People”, de Birdy

Deus sabe o que está se escondendo
Naqueles fracos e afundados olhos
Uma multidão ardente de anjos silenciados
Dando amor e recendo nada de volta

NOTA DA AUTORA

Quando comecei a escrever, há dois anos, sempre disse que não escreveria contos ou histórias curtas, (porque gosto mais de histórias grandes) crônicas e principalmente poemas e poesias, porque estes últimos eu odiava com fervor. Mas aqui estou. Pensei em dizer que escrevi um livro de contos, mas já estudei bastante sobre como funciona a configuração desse gênero por causa da faculdade e não acredito que se encaixa assim, a configuração estrutural dessas histórias é mais alongada e decidi que esse é um livro de histórias curtas. Então a síntese é que escrevi histórias curtas, uma crônica que não está aqui e alguns poemas.

Eu sempre dizia que não sabia fazer poemas e nem gostava, acredito que porque no tempo da escola era exigido que analisássemos esse tipo de texto e encontrar nuances, que para os adolescentes, não era corriqueiro, não fazia sentido procurar saber o porquê os autores escreveram determinado poema ou situações que os levaram a escrever. Encontrar os por que nunca interessou aos adolescentes, nem a mim e isso está estritamente ligado à aversão de boa parte dos leitores com poemas. Mas depois de algumas aulas de teoria da literatura os meus olhos se abriram um pouco mais e eu passei a entender essas coisas.

Quando iniciei a faculdade uma das tarefas que a professora passou foi escrever um poema com o eu-lírico do sexo oposto ao seu. Na época quando escrevi “**A Morte Não Faz Exigências**” estava entristecida porque uma avó minha havia morrido de câncer. Portanto fiz o poema por obrigação. Disse a mim mesma que não faria de novo. Mas acabei observando antigos papéis em minha pasta e decidi consertar o texto e melhorá-lo.

Pouco depois que escrevi meu primeiro poema, o apresentei na faculdade e fiquei contente pela positividade das pessoas quanto a ele. E então decidi escrever outro. E fiz “**Manga Longa ou Manga Curta?**” Esse poema na

verdade era uma música. Também escrevo músicas em inglês, canto um pouquinho e toco violão. E na época que escrevi estava estudando sobre as guerras civis da África no meu último ano do ensino médio. Quem prestou atenção pôde observar que esse termo *manga longa ou manga curta* é recorrente no filme Diamante de Sangue.

Enfim, a música não fluiu como planejado e a deixei de escanteio que eu a transformei num poema. Os outros que apresentei eu fiz para o meu blog e para pôr aqui mesmo. Queria fazer uma postagem e escrevi na hora, foi coisa do momento.

*

Uma das coisas que mais gosto de fazer é olhar para o céu. Conforme as mudanças do dia em cada estação, eu passo um tempo a mais observando da minha janela as mudanças das nuvens, cada vez que as estrelas aparecem e salpícam o céu, as formas da lua.

As minhas inspirações vem assim.

Às vezes estou no carro, no banco de trás porque ainda não sei dirigir, e está chovendo e me imagino sob um cobertor, deitada na cama, com a janela aberta, observando as gotas de chuva cair. Gosto muito da natureza. Da chuva. Fico me imaginando correndo sob ela, sentindo a sensação das precipitações enquanto caminho sozinha pelas ruas na madrugada. Queria neve também, mas aqui não tem!

As pessoas dizem que escrevemos sobre o que gostamos ou sonhamos. Escrevi essas histórias curtas por diversos motivos. Portanto não leia essa parte se ainda não tiver lido todas as histórias e não ter sua ideia própria sobre cada um deles.

O Inverno de Aurora: sempre achei sensacional a ideia de ficar

presa no shopping como naqueles filmes de *sessão da tarde* (riam o quanto quisessem, quando eu era pequena assistia a Globo) que um casal fica preso ali e explora cada loja e departamento. Pois é, vi isso num filme e se tornou o meu anseio desde infância. Achei o máximo. Nunca aconteceu comigo, por isso fiz meio que uma menção.

No conto “O Inverno de Aurora” eu quis colocar algo que me aconteceu com bastante frequência quando estava no último ano da escola. Por dias e dias eu só estudava, não saía muito de casa por causa do Enem e pelo motivo óbvio de que eu ficava escrevendo muito meus livros e presa no computador. Mainha dizia que eu hibernava no meu ninho, mais conhecido como minha cama.

Certa noite, no ano passado, minha mãe pediu para eu pegar a toalha dela no quintal. Como sou um pouco baixinha (infelizmente) olhei para cima, não sei bem porque fiz isso, mas olhei para cima, para o céu. Fiquei extasiada por um tempo. A sensação foi como se nunca tivesse visto a imensidão escura e cheia de estrelas. Lembro que fiquei maravilhada e prestei bastante atenção. Por isso escrevi essa história. Às vezes ficamos atarefados demais e não observamos as coisas mais simples e belas. Foi uma lição para mim e desejei compartilhar.

Querido Louis: eu lancei esse conto no concurso do Brasil em Prosa, mas estou colocando-o nessa coletânea por completo visto que antes só havia a primeira carta, a de Mia. Uma garota que leu tinha comentado que o mesmo era fofo e triste e queria muito ouvir o outro lado. Eu tinha planejado escrever o outro lado, até porque é uma história verídica. Todos os fatos que foram postos nas cartas são verdade. E então aí está!

Rosas de Cabeceira: acho que esse conto foi mais como uma repreensão para mim. Eu não tinha o costume, até hoje não tenho, de expressar meus sentimentos em voz alta, e às vezes me privo de dizer *eu te amo* para as pessoas. Não sei, é difícil para mim de alguma forma. É mais comum eu falar isso para minha mãe, mas sei que preciso melhorar em todos os quesitos para

com as outras pessoas que me importo, e eu quis mostrar isso também porque às vezes não dizemos, pois sabemos que a outra pessoa sabe o que sentimos então deixamos para lá e às vezes é tarde demais!

Os Filhos do Meu Pai: Acho que o conto mais melancólico que já fiz até hoje foi esse. Tenho o costume de ler tudo que faço depois de um tempo e num dado momento quando escrevia e quando relia senti vontade de chorar. Há uma parcela de verdade nessa história também. Escrevo histórias curtas sobre coisas que aprendo ou sobre as falhas que precisam ser consertadas. Então vamos aos fatos. Tudo que foi escrito é real, menos a parte de a garota ser presa. Um dia desses, eu estava pensando no que aconteceria se a menina que ama tanto os seus irmãos os levasse para longe da mãe para ficar com eles para sempre e foi isso que descobri que aconteceria. Por isso o final tão trágico.

A Menina da Biblioteca: quem leu esse livro quando foi publicado sob meu pseudônimo sabe que não havia essa história no livro, que foi incluída depois que eu decidi lançar esse livro de novo. A inspiração surgiu quando eu estava na faculdade, estava de horário vago e fui para a biblioteca. Fiquei deitada lendo um dos livros da semana e num dado momento, quando alguns alunos passaram por uma prateleira do corredor a frente e fiquei sozinha de novo eu pensei: a menina na biblioteca e decidi fazer a história.

*

Como puderam perceber, as minhas inspirações são anormais e às vezes acontecem da maneira mais inusitada. Algumas pessoas já conhecem as minhas outras obras publicadas e o comentário geral é a diversificação que utilizo nas minhas histórias. Por exemplo, Efeito Dominó é um thriller. A Estranha Mente de Seth é mais psicológico, um criminal histórico. Eu não gosto de dizer isso porque limita as coisas, gente, mas eu escrevo muitos gêneros, terror, romance, policial, thrillers, sobrenatural, histórico.

Mas, acima de tudo, eu escrevo histórias. Não gosto de gêneros, gosto de histórias!

Demorei um pouco para descobrir que nome deveria dar a esta coletânea de histórias curtas e poemas. Até porque já escrevi um monte de livros e nomes novos têm sido escassos. Mas, após refletir bastante decidi que “Histórias em Retalhos” estava bom. Decidi por esse nome porque todos os textos que apresentei são retalhos de algumas histórias reais. Por isso a conexão entre os nomes. Espero que tenham gostado. Obrigada por lerem, people!

Beijin...

SOBRE A AUTORA



ALANA GABRIELA é uma acadêmica autora de 19 anos. Escreveu e confeccionou artesanalmente seu primeiro livro aos dez anos; *O Rapto*, primeira obra intitulada da autora, era baseada no filme *Chamas da Vingança*, estrelado por Denzel Washington, que chamou muito sua atenção quando garotinha. Publicou *Efeito Dominó* pela Amazon para divulgar seus escritos. Seu primeiro livro físico, *A Estranha Mente de Seth*, foi publicado pela Editora Autografia e já se encontra no mercado. Alana divide seu tempo entre bloggar, escrever, compor canções, assistir seriados, tipo, *The Walking Dead*, *The Blacklist*, ouvir música Indie e Jazzy, ler e estudar na UFS. Alana gosta de olhar para o céu em dias de chuva!

Escrito e diagramado por Alana Gabriela.

© Todos os direitos reservados